

Reflexões sobre o turismo no espaço e no tempo

Fernando Magalhães

Doutor em Antropologia, especialidade em Museologia e Património, CRIA-ISCTE e CIEQV, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
E-mail: fernando.magalhaes@ipleiria.pt

As migrações, viagens perpetradas pelos seres humanos através de territórios diversos, são tão antigas como as civilizações. Homens e mulheres de todas as épocas, movidos pela curiosidade relativamente a outros lugares, por questões de sobrevivência, pelo comércio, por motivos religiosos, ou, ainda, no âmbito da formação e expansão de vários impérios, acabariam por se disseminarem por todo o globo. Na época pré-moderna, as viagens com “propósito de lazer constituam uma experiência reservada apenas a uma minoria de pessoas pertencentes à realeza ou a classes altas.” (WESTCOTT, 2019, p. 3). Como nota o autor, desde tempos do “Império Romano até ao século XVII, jovens provenientes de famílias de altos rendimentos eram encorajados a viajar através da Europa” (WESTCOTT, 2019, p. 3).

Contudo, pensar o turismo de forma democrática, enquanto atividade aberta a todos os cidadãos, independentemente do seu grupo ou classe social, isto é, em termos modernos, pouco tem a ver com as viagens pré-modernas, migrações ou peregrinações da época prévia às revoluções dos séculos XVIII e XIX (Francesa, Industrial, Agrícola, Comercial e científica). O turismo, tal como se processa atualmente, emerge, portanto, depois da série de revoluções que caracterizaram os finais do século XVIII e século XIX, e que não podem ser tratadas de forma individual, mas sim integrada.

A Revolução Industrial, conjugada com a científica e/ou agrícola, abrem as portas à organização racional do tempo de vida dos indivíduos. A divisão “científica” do tempo que passa a regular as nossas vidas; o tempo do trabalho, o do estudo e o emergente tempo de lazer, assim como a acumulação de capital, proporcionaram mais tempo livre. Mais capital e mais tempo livre resultaram numa maior disponibilidade para se empreenderem viagens de lazer com o propósito de se conhecerem e de se desfrutarem outros lugares, mais ou menos distantes ou mais ou menos exóticos. Neste contexto, se se pode considerar o *Grand Tour*, termo que se teria originado no século XIV, e servia para designar “os jovens da nobreza e da classe média inglesa abastada que passaram a realizar viagens pelo continente europeu, por cerca de dois anos, para completar sua educação e ganhar experiência pessoal” (SISNE; GASTAL, 2010, p. 4) uma das primeiras formas de turismo, é apenas no contexto de finais do século XVIII, mais concretamente em 1772, que emerge, impressa, pela primeira vez, a palavra

turista. De acordo com Marcello Machado (2013), a Revolução Industrial, estendendo-se entre os séculos XVIII e XIX, constituiu um “período de profundas mudanças econômicas e sociais. A ascensão de uma nova classe de trabalhadores urbanos apresentava maior tempo livre, recursos e o desejo por viagens recreativas, e teria propiciado (...) o crescimento das viagens de lazer. Estas foram facilitadas pelas férias anuais, pela tecnologia vinculada aos transportes e aos problemas urbanos, que teriam estimulado as pessoas, sobretudo os moradores da cidade a viajarem” (MACHADO, 2013, p. 109).

O turismo “moderno” desperta em 1758, data em que é fundada a primeira agência de viagens “Cox & Kings”, “quando Richard Cox se torna no primeiro agente de viagens oficial das Forças Armadas Britânicas” (WESTCOTT, 2019, p. 4). Foi, no entanto, apenas 100 anos depois, em junho de 1841, que se iniciou o turismo a uma escala mais vasta. Neste ano “Thomas Cook abriu a primeira agência de viagens de lazer, projetada para ajudar os britânicos a melhorar as suas vidas, observando o mundo e aprendendo com a sua diversidade. Em 1845, Cook realizou o seu primeiro pacote turístico comercial, completo com passagens de trem econômicas e um guia impresso” (Thomas Cook, 2014) (WESTCOTT, 2019, 4).

No Brasil, o turismo desenvolve-se de forma intensiva a partir da emergência das primeiras agências de viagens, no início do século XX. Nos anos 40 desse século, surge a primeira agência de viagens unicamente brasileira. Estas, começaram centradas nos grandes centros, fomentando viagens através do país e para o estrangeiro. Atuavam no Brasil, “a Exprinter em 1919 e a Wagon Lits em 1936, enquanto filiais de empresas sediadas em outros países (Rejowski; Perussi, 2008, p. 8). Rejowski e Perussi (2008, p. 9) indicam que a atividade passou a ser exercida por uma empresa nacional somente em 1943, com a fundação da Agência Geral de Turismo que começou criando excursões de ônibus” (SILVA; NOSHI; ALMEIDA, 2019, p.3).

Já em Portugal, de acordo com M. Rejowski (2005), a primeira agência de viagens é inaugurada em 1840. A agência de viagens “Abreu Turismo”, passa a promover a venda de bilhetes de comboio entre Lisboa e Porto, comercializando também passagens marítimas para a América do Sul, sobretudo direcionadas ao Brasil e deste país para Portugal. Fica encarregue pela recolha e organização da documentação necessária para as viagens de migrantes portugueses além-mar.

No domínio do turismo, temos a registar dois períodos que contribuíram para o seu desenvolvimento sem precedentes, assim como para a consolidação da atividade turística enquanto movimento fundamental para a economia de diversas regiões do mundo: o século XX e o primeiro quartel do século XXI.

O desenvolvimento tecnológico do século XX, que proporcionou o aparecimento de novos e sofisticados meios e vias de comunicação, desde o rádio e a televisão à aviação e ao automóvel, originou uma facilidade e desejo cada vez maiores de viajar. Os finais do século de 1900 e o advento do XXI, trouxeram, por sua vez, novos desenvolvimentos tecnológicos, tanto no domínio dos meios como das vias de comunicação.

A emergência das viagens e dos alojamentos *low cost*, em grande medida proporcionados pela consolidação da *Internet*, facilitou e provocou um aumento de viagens e de turistas, como nunca se tinha visto antes, na história do homem e da mulher.

Por outro lado, a expansão da rede internacional de comunicação (ou *world wide web*) e dos *smartphones*, entre outros, berços de inúmeras e novas empresas tecnológicas e digitais, mais exigentes em termos de formação académica e profissional dos cidadãos,

geraram maior mobilidade e maior rendimento, tendo em simultâneo iniciado uma nova categoria profissional: os nómadas digitais. Os atuais nómadas digitais, conciliando trabalho com lazer, nos mais diversificados locais do mundo, passaram a fazer parte e a compor os grandes fluxos turísticos, tanto nacionais como internacionais. Neste contexto, caracterizado por novos estratos populacionais e classes profissionais capazes de empreenderem viagens turísticas, de forma massificada, urge aprofundar o estudo do turismo, enquanto atividade capaz de proporcionar desenvolvimento económico, encontros interculturais, e respetivas consequências. A investigação sobre a atividade turística e a publicação dos seus resultados determinam, atualmente, a premência de publicações como a Revista Iberoamericana de Turismo. A seção referente aos resultados deve apresentar de modo claro e objetivo as análises, reflexões e inferências realizadas.

No que tange as ilustrações sua identificação deve aparecer na parte superior, centralizada, indicando a sequência numérica em que aparece no texto e o título representativo. A fonte [elemento obrigatório, mesmo se elaborada pelo próprio autor], legenda, notas e outras informações necessárias à sua compreensão devem aparecer na parte inferior, centralizada. Nenhuma ilustração deve ultrapassar as margens de 3cm da esquerda e da direita do corpo do texto. Considerar como figura: desenhos, diagramas, fluxogramas, fotografias, mapas e retratos. Outros tipos: gráficos, quadros e tabelas, conforme exemplos a seguir:

REFERÊNCIAS

CISNE, R.; GASTAL, S. Turismo e sua História: discutindo periodizações. *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*. Universidade de Caxias do Sul, pp. 1-12, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/09/Turismo%20e%20sua%20historia.pdf

MACHADO, M. As etapas evolutivas do turismo: um estudo sobre o Rio de Janeiro (séculos XVIII-XX). *CULTUR*, 07, (01), p. 105-127, 2013.

REJOWSKI, M. Turismo no percurso do tempo. 2. ed. Aleph, São Paulo, 2005.

SILVA, M.; NOSHI, N.; ALMEIDA M. Agências de Turismo de Aventura no Brasil. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 27, 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/27/turismo-aventura-brasil.html>

WESTCOTT, M. Introduction to Tourism and Hospitality in B.C. Victoria, B.C.: BCcampus, 2019. Disponível em <https://opentextbc.ca/introtourism/>